

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
EM AVEIRO— ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO

LIBELLO ACCUSATORIO

DOS

DIRIGENTES DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

(APONTAMENTOS PARA O PROXIMO CONGRESSO)

13.º O primeiro directorio, com a organização actual do partido republicano, foi eleito a 21 de junho de 1883. Os jornaes republicanos, já no fundo muito desalentados pela falta de convicções e pela impericia dos chefes, entoaram louvores por este facto que suppozeram, ingenuamente, que seria o inicio d'um periodo de venturas. A 24 o *Seculo* dizia: «O partido republicano acaba, pois, d'entrar n'uma nova phase d'existencia.»

O desengano foi atroz. A incapacidade e o monarchismo dos chefes, que, isolados, já tinham produzido os resultados deploraveis que vimos no ultimo artigo, junctos produziram a resultante mais nefasta que era dado imaginar. Assim:

14.º No dia 4 de novembro de 1883 realizaram-se as eleições municipais de Lisboa. Disse-se logo que havia pacto secreto entre progressistas e entre republicanos. Mas os jornaes d'este partido energeticamente o contestaram, bem como os membros do directorio nas reuniões eleitoraes, entre outros o sr. Magalhães Lima no Centro Republicano Federal, ás Amoreiras.

Mais tarde travou-se polemica entre o *Seculo* e o *Diario Popular* a proposito da lei das rolhas. O *Diario Popular* declarava aos republicanos que escusavam de reclamar o auxilio dos progressistas para combater o attentado do ministerio regenerador. O *Seculo* escreveu, 19 d'abril de 1884: «Quando reclamamos nós o auxilio dos progressistas?» O *Popular* respondeu: «Na ultima eleição municipal.» O *Seculo* replicou, 22 d'abril: «O *Popular* não cessa de ser insidioso e trapalhão. E como não perde o costume passará pelo desgosto, se desgosto pôde haver para o papel de S. Roque, de lhe dizermos que falta redondamente á verdade quando diz que os republicanos reclamaram o auxilio dos progressistas na ultima eleição municipal de Lisboa.» O *Popular* insistiu, declarando que o pacto fora sellado em documento que tinha em seu poder e que publicaria se fosse necessario. O *Seculo* voltou a negar terminantemente, 24 de abril. O *Popular* ameaçou outra vez com a publicação do documento, invocando a lealdade do cavalheiro republicano que fôra o negociador do accordo democrato-progressista. O *Seculo* negou com maior energia, 27 d'abril. Então o sr. Teixeira de Queiroz escreveu uma carta ao *Diario Popular* declarando que fôra elle o negociador, que

era verdade o que dizia a folha de S. Roque e que muito se admirava da attitude do *Seculo* quando o sr. Magalhães Lima tinha pleno conhecimento do accordo, por isso que assistiu á sessão do directorio em que elle foi apresentado!

Pergunta-se aos leitores:—Ha vergonha igual a esta? Era conducta de gente séria?

Se o accordo era leal e era bom, porque o não confessaram assim que foram a tal respeito interrogados pelos republicanos nas reuniões eleitoraes? Bom ou mau, porque não o confessou o sr. Magalhães Lima ao redactor do *Seculo* que estava sustentando a polemica com o *Diario Popular* na melhor boa fé porque tudo ignorava? Porque não evitou com uma palavra a vergonha da carta do sr. Teixeira de Queiroz?

15.º A attitude do directorio contra a lei das rolhas, o miserando ataque do sr. Lopo Vaz á liberdade, foi de todo o ponto desgraçada. Quando tudo recomendava uma resistencia profundamente energica ao governo, quando as garantias populares corriam mais perigo do que nunca, quando a questão era de vida ou de morte para a democracia, á face da letra e da essencia do projecto liberticida, o directorio conservou-se n'uma passividade completa, limitando-se ás declamações balofas dos jornaes. Promoveu um unico comicio, abril de 1884, quando as circumstancias reclamavam muitos, e n'esse mesmo, em lugar de consentirem que todos os cidadãos acompanhassem a meza ao parlamento, como na questão Lourenço Marques, e só assim as manifestações teem valor e contem o poder, esforçaram-se por obter, como realmente obtiveram porque o medo foi sempre o caracteristico d'estes homens, que só a meza fosse levar a representação. Se os governos já vinham ha perto de dois annos encarando sem receio o movimento democratico, n'esse dia principiaram a não lhe ter senão desprezo.

16.º Nas eleições geraes de junho de 1884, tendo sido consultados todos os centros e jornaes republicanos do paiz sobre o acto eleitoral, foram excluidos da consulta o *Povo de Aveiro* e o *Centro Eleitoral Republicano Aveirense*, porque este jornal, ainda muito humilde e mansamente, vinha discordando da conducta do directorio. Haverá um unico cidadão n'este paiz que não considere esse acto ridiculo da nossa chefatura como a prova mais esmagadora e patente do despotismo, da arbitrariedade e da ineptia d'um corpo dirigente? Haverá por ahí alguém que ouse contestar que individuos que procedem de tal forma com correligionarios seus não sejam em vezes mais anti-democratas que todos os monarchicos que estamos combatendo?

17.º Quando Magalhães Lima foi condemnado, dezembro de 1884, tornaram os órgãos officiaes a annunciar a criação do decantado e famoso *cafre de resistencia*.

Não conseguiram senão novamente demonstrar a falta de seriedade dos dirigentes, porque nunca mais se falou n'isso, precisamente porque era negocio importante e de valor.

18.º Em junho de 1885 projectou-se a criação d'uma sociedade anti-clerical. O sr. Magalhães Lima, membro do directorio, um dia d'accordo sobre esse nobilissimo pensamento, foi do accordo contrario no dia immediato. De combinação com o sr. Pedroso, Jacintho Nunes, Ernesto Loureiro e outros, todos membros, quer da comissão executiva, quer do corpo consultivo do partido, não houve ardil que não usassem para desvirtuar essa purissima e genuina ideia democratica, levando a degradação e a baixeza até submeter a escolha do nome da sociedade aos srs. Silveira da Motta e Dias Ferreira. Todos se lembram, sem duvida, das heresias que então se preferiram, chegando o sr. Ernesto Loureiro, membro do corpo consultivo do partido, sem respeito nem pela grammatica, nem pelos principios que dizia representar, nem pelo senso commum, a escrever na *Verdade* de 19 d'outubro de 1885, esta monstruosidade: «Se os alfabetos soubessem ler só por meio das bayonetas poderia haver ordem.» Escreveu isto, sem indignação geral, um chefe de partido e depois não quer esse partido que o paiz lhe tenha desprezo e desdem!

Emfim, por entre accusações de vendidos e intolerantes aos que não faziam mais que defender a liberdade e a tolerancia, creou-se uma Associação Anti-Jesuítica em lugar de Anti-Clerical. Pergunta-se:—O que é feito d'essa Associação? Onde está a obra dos chefes do partido?

Ridiculo, sempre o ridiculo a dilacerar-nos. Essa Associação, de que os chefes do partido fizeram o seu cavallo de batalha, não existe! E' serio, é digno? Diga lá quem se ufane de ter brios!

19.º Em junho de 1886 travou-se em Lisboa uma desordem entre a municipal e os artilheiros. Uma parte da população da capital aproveitou esse incidente para fazer vivas demonstrações contra o governo. Os diarios republicanos, e o *Seculo* na especialidade, apoiaram-n'as com valor e energia. Mas, quando o governo principiou a metter os manifestantes a bordo d'um navio de guerra e os seus órgãos a accusar os republicanos de perturbadores da ordem, o sr. Magalhães Lima, membro do directorio, escreveu uma carta ás *Novidades* declarando-lhe que reprovava as manifestações por *subversivas, imprudentes e anarchicas*.

Isto valeu ao partido mais uma troca violenta da parte dos monarchicos. E com justificadissimos motivos. Porque não considerou da mesma forma o sr. Magalhães Lima essas manifestações no seu jornal? Porque as applaudiu? Porque as defendeu?

20.º Nos primeiros quinze dias de julho de 1886, o *Seculo*, que é desde a sua origem considerado

orgão do partido e representante official do directorio, veio annunciando com grandes reclames um drama intitulado *A Republica*, que affiançava ser d'uma grande propaganda democratica e que se devia representar nos Recreios no dia anniversario da tomada da Bastilha. A 14 de julho o directorio assistiu officialmente á representação n'um camarote especial.

O charivari que se seguiu ficou memoravel nos annaes da historia contemporanea. A platêa em peso, republicana quasi toda, apostrophou o directorio e intimou-lhe, n'um momento de sinceridade e de brio que logo se esvaui, a sahida do theatro. O drama, patrocinado e affiançado pelo directorio, era uma verrina grosseira, descomposta e falsa contra os principios democraticos e a gloriosa revolução.

Ter-se-hão esquecido, os delegados ao congresso actual, da zombaria cruel que essa ineptia memoravel nos valeu da parte dos monarchicos? Esquecer-se-hão de que o prestigio do partido cahiu de todo n'esse dia? Talvez, e o mal não é outro senão esse.

21.º A 13 de dezembro de 1885 realizaram-se as eleições camarárias de Lisboa. O directorio, sem consultar os agrupamentos democraticos, sem submeter os candidatos ao seu juizo como mandam os bons principios, escolheu 21 nomes e impoz-lh'os.

O sr. José Elias nunca protestou na camara municipal contra as grandes irregularidades e abusos, que serviram de propaganda á *Folha do Povo* e ao *Seculo*. Tinha todas as responsabilidades d'uma gerencia funestissima.

Entretanto, foi accete a imposição e o sr. José Elias reeleito!

22.º No dia 14 d'outubro de 1886, o *Seculo*, órgão do directorio, que vinha fazendo uma grande propaganda contra os jesuitas, annunciava para o dia anniversario da morte de José Estevão uma grande manifestação anti-jesuítica no largo de S. Bento, em que os *liberaes de todas as côres* deporiam uma corôa junto á estatua do grandissimo tribuno. A 4 de novembro, o *Seculo* nem sequer commemorava o passamento do inspirado orador em meia duzia de linhas patrioticas e sentidas e ainda hoje espera todo o mundo pela grande manifestação. Tape-mos o rosto, que é demais!

23.º Em 6 de março de 1887 realizaram-se as eleições geraes de deputados. Estão na memoria de todos os disparates e toleimas que o directorio praticou, já propondo uns ponceos de deputados por accumulção, já abandonando á sua sorte os centros da provincia.

Passadas as eleições todos os dirigentes apregoaram a revolução como unico remedio para o nosso mal estar. O *Seculo* de 15 de março exclamava: «Temos evidentemente de variar os nossos processos politicos, uma vez que a isso nos impellem.» A 16 o sr. Jacintho Nunes escrevia: «Devemos continuar a fazer o papel de logrados e contribuir para que al-

guem tome ainda a serio o nosso regimen eleitoral? Entendo em minha consciencia que não. Se queremos salvar o paiz da odiosa exploração de que elle está sendo victima; se queremos poupar-lhe a desgraçada e humilhante situação do Egypto; pensemos n'outros meios.»

Quaes meios? Os revolucionarios. Entretanto quatro mezes depois o sr. Jacintho Nunes defendia no congresso um accordo barjonaceo por entre os applausos calorosos dos redactores do *Seculo*. A maior ignominia junto á maior desfaçatez.

Eis as provas que julgamos de sobejo para que o congresso condemne em absoluto a direcção nefasta, que nos tem desacreditado e arruinados. Eis elementos esmagadores para os chefes do partido. O congresso que julgue e que resolva, que a nossa consciencia fica tranquilla, alegre e satisfeita.

O LYCEU

E' velho habito portuguez confiar no dia de amanhã. O dia de amanhã é remedio para todos os desleixos e esperança para todos os crimes. E' necessario um esforço, uma iniciativa, um acto d'energia a favor de qualquer causa? *Vamos a vêr o que se faz*, é a resposta. Ha uma indignação geral, um protesto violento, uma revolta contra qualquer acto condemnavel? *Deixar correr o tempo; aquillo passa*. E nem se remedia o que precisava de remedio, nem se castiga o que precisava de castigo. Assim se tem feito geralmente; assim é, para desgraça, o temperamento nacional.

Agora, a proposito do lyceu, podem as auctoridades confiar no mesmo facto. Pois enganam-se. Esquecer o attentado não esquece, porque, seja dicto sem tolice que bem pôde ser, até, um defeito o que vamos a dizer, o nosso temperamento pessoal differo, n'isso do temperamento geral. Nós nunca esquecemos; intento que tomarmos terá uma solução; empreza a que nos associarmos não cabirá nem morrerá por falta da nossa energia; convicção que adquirirmos será convicção inabalavel; pendencia em que nos acharmos envolvido, tarde ou cedo ha de ter um desenlace. Será defeito? Será. Mas muitas vezes será virtude, como no caso que presentemente se discute.

Esquecer o attentado do lyceu, isso não esquece! Poderão os poderes publicos fechar os ouvidos ás nossas reclamações justissimas. Poderão não querer reconsiderar, apesar da reconsideração em circumstancias como esta ser profundamente digna e o contrario ser prová manifesta de vaidade irritante e provocante e de fatuidade ridicula e tola. Poderão os habitantes d'esta terra preferir o seu *lazaromismo* triste e lamentavel a acompanhar-nos na propaganda e resistencia que encetámos, o que não cremos

aliaz. Embora. Cumprimos um dever e é quanto basta.

Não; esquecer, isso não esquecer. Ficaremos na brecha. Ou a Junta Geral attende a opinião publica como é o seu dever, e a opinião publica, ou a opinião de toda a gente que tem brios, que tem senso, que tem respeito pela memoria dos grandes homens que dormem o somno eterno entre nós como que confiando ainda além da tumba na gratidão e no respeito da terra que amaram e serviram em extremo, é a que representamos n'este instante, sem receio de desmentido o confessarmos, ou nós iremos arrancar da indiferença, em que vegeta, uma gerencia funestissima para com ella tecer a corôa d'espinhos que o povo accordado, porque não ha de dormir sempre, enterrará na cabeça do *proteorado* progressista. O *proteorado*, e esse nome é que lhe serve, desde que todas as noções de independência e altivez cahiram n'esta terra para nos reduzirem ás condições d'uma especie de feudo marroquino! Se é que em Tunis e Marrocos ha pachá tão arbitrário e tão omnipotente como o sr. Manuel Firmino.

Não, não pôde esquecer, como esqueceu o *bairro* de S. Sebastião, como esqueceu o *bairro* do Roêio, como esqueceram os alamos da estrada nova, como esqueceram outros tantos vandalismos que ahí vão. Basta d'esquecimentos. Basta d'incurias. Basta de crimes.

Governem, que não somos nós que lhes invejamos o governo. Disfructem socegadinhos o poder, que nem por um instante lhes iremos perturbar a digestão. Mas, condição *sine qua non*, governem bem. D'outra forma não tem razão de queixa a invocar nem intransigencias a accusar.

A nossa attitude tem sido profundamente commedida e pacifica n'este negocio do lyceu. Não temos procurado outra coisa senão defender um bom principio e levar a reflexão ao espirito dos que imprudentemente tomaram uma resolução nefasta n'uma hora de mau senso. Reconsiderae, e tereis os nossos applausos. Ora agora se forles surdes a todos os conselhos, pedidos e reclamações, se levades o auctoritarismo até aos extremos da intolerancia e rebeldia, ficae-vos lembrando, senhores progressistas que nos governaes ha tantos annos no meio da maior impunidade, ficae-vos lembrando desde hoje que não ha nodoa que se não lave tarde ou cedo nem podridão que se não queime. Seria risivel que depois de nos terdes reduzido ás condições do burgo mais pôdre e indecente do paiz, onde campeia a licença mais feroz e o desrespeito maior que se tem visto pelas franquias d'uma terra, não houvesse na cidade quem vos fosse queimar todos os crimes e rasgar todas as pustulas em cima das ruinas d'um monumento, que é um titulo de gloria para nós.

Até o diabo se riria!...

P. S. Depois d'escripto e composto este artigo tivemos conhecimento do que escreveu o *Campeão das Provincias*.

Ninguém s'inspira em considerações alheias ao verdadeiro interesse publico. Não nos temos fardado nem fartaremos de repetir que esta questão não é para nós uma questão pessoal, nem uma questão politica. E' uma questão d'interesse e honra collectiva. Por isso o *Campeão das Provincias* tem muitissima razão quando chama profanação ao que se tem feito ha vinte annos para cá, esbulhando o lyceu de todas as suas accomodações e estragando o edificio com tabiques e biombos indecentes para lá accomodar as repartições. Por isso o sr. Barbosa de Magalhães merece todos os nossos applausos, pela iniciativa que teve em côrtes com o projecto de lei sobre o subsidio a conceder á Junta Geral d'este districto pa-

ra a construcção d'um edificio destinado a repartições publicas. Mas por isso mesmo tambem o sr. Barbosa de Magalhães nunca devia consentir, para que esses applausos se não convertessem em censura, que se desvirtuasse a sua iniciativa, que foi para se construir um edificio destinado a repartições publicas e não para se estragar o lyceu! Mas por isso mesmo o sr. Barbosa de Magalhães, que é um homem intelligente e que como tal devia ser dos primeiros a respeitar a memoria dos seus conterraneos eminentes, nunca devia admitir que sem motivos de suprema necessidade se tocasse n'um edificio que é um titulo de gratidão que tem Aveiro para com José Estevão!

Existem, esses motivos de suprema necessidade? Não. Basta passar-se pelos olhos o orgão progressista para se attentar n'esta verdade. O edificio actual não tem local nem para gymnasio, nem para horto botânico, nem para laboratorio chimico. Eis as razões graves que se invocam para o attentado que se projecta!

Ora isto não é serio. Em primeiro lugar os gynosios não fazem parte integrante dos lyceus. Os gynosios são communs a todas as casas d'instrucção, e por isso podem, devem ser, e são na Allemanha, na Suissa e hoje na França, independentes d'ellas todas. Os gynosios, quando não foram necessarios ás creanças, são um obstaculo para os adultos. E' á creança de oito annos que se torna indispensavel, embora lhe fique servindo para a juventude, e mal d'ella quando começa aos onze ou doze em lugar de começar aos 9 ou 10 a trabalhar nos gynosios. Logo, mais necessario é o gymnasio ás escolas d'instrucção primaria que ás escolas d'instrucção secundaria. Logo, dá-los a estas e não os dar áquellas, é absurdo e é troça. E como é conveniente dá-los a todas, por isso mesmo devem ser independentes e com uma organisação especial. Ou não saberá o que é gymnastica o illustre articulista?

Em segundo lugar, o edificio do lyceu tem capacidade sufficiente para uma magnifica sala de gymnastica. Ou julgará o illustre articulista que a gymnastica não se pôde executar senão em pateos ou quintaes?

Em terceiro lugar, nós esperamos que o adversario do lyceu não queira metter um horto botânico n'uma bibliotheca! Pois então o horto botânico não ha de ser independente do edificio? E se o é, tanto faz que seja d'este como d'outro que se eleve. E se querem que seja adjacente, nenhum edificio está em melhores condições que o edificio actual, expropriando-se por utilidade publica uma nesga da propriedade Ferreira de Souza.

Em quarto lugar, e esta é a melhor, é arrojado, senão ignorancia sem igual, dizer-se que no edificio do lyceu não ha local para laboratorio chimico. Não ha local?! Essa é boa. Confessamos que não sabemos porquê. Em que differem as condições do instituto industrial de Lisboa, da escola do exercito, da escola medica, do lyceu, da propria escola polytechnica, a maior parte alojados em velhos pardieiros, do magestoso lyceu d'Aveiro? Como? Pois o lyceu d'Aveiro, no modelo em parte da Escola Polytechnica de Lisboa, se mais pequeno, tambem mais opulento, não tem local para laboratorio chimico? Pois não são mais vastos e mais ricos os laboratorios d'aquelles estabelecimentos que nunca o ha de ser o do lyceu d'Aveiro? Pois as condições d'um laboratorio são tão difficeis que se não possam adaptar e obter, magnificas até, no nosso magestoso edificio? E' realmente pasmoso!

Hoje nem com cincoenta contos se construiria um lyceu nas condições modernas da sciencia e da instrucção publica. Tem a

Junta Geral esse dinheiro para gastar? Que o diga e que se deixe de enganar pacovios.

Para apropriar o edificio actual a lyceu, diz o *Campeão*, seria mister fazer grandes despesas. E para o *desapropriar* não seria preciso gastar mais admittindo a sua allegação?

Foi consultado o sr. governador civil, continua o *Campeão*. Olhem que realmente é argumento de matar. Asneira no caso, collega! O sr. governador civil votou pela mudança, não é assim? Estamos bem arrançados!

Foi consultado o sr. director das obras publicas e tambem votou por a substituição do lyceu. Não deveriamos acreditar-o, apesar de termos visto tanta coisa... Reservamos, porém, a nossa apreciação até ver em que isto fica.

Foi consultado o corpo docente do lyceu. Olhe, esse divide-se em tres partes. Uma não pensou. E' a parte séria e a parte intelligente. Outra pensou mas fez o que lhe mandaram. Esses são os que se *arranjam*. Outra não pensou porque não sabe pensar. Entretanto nós dariamos mil agradecimentos ao *Campeão das Provincias* se publicasse a consulta dos illustres professores. Muito desejariamos nós conhecer a *peça* de sabedoria e sensatez dos mestres cá da terra!

E como este artigo vae longo, no domingo continuaremos. Na certeza sempre de que não obedecemos ao menor espirito de fazer politica. Se a fizermos, fallamos com a franqueza e energia do costume. Mas então a culpa não será nossa, mas de quem nos levou para esse caminho.

Consta-nos que se prepara uma representação contra o attentado do lyceu. Venha ella, que é precisa. E quanto antes!

N'uma conferencia publica que houve domingo passado no club Henriques Nogueira, em Lisboa, o sr. Manuel d'Arriaga rompeu definitivamente, n'um discurso brilhante, com os seus collegas na chefatura do partido. Apoiado!

O sr. Arriaga, atacando vivamente os conluios monarchicos, defendeu todos os principios puros da democracia. Não obstante, parece certo que será votada por maioria a proposta Jacintho.

Que carneirada indecente! Que partido!

QUESTÕES MILITARES

Ainda hoje não temos espaço para publicar o artigo, que temos em nosso poder. Porém, como a questão está terminada por assim dizer, sem que falte uma unica allegação a responder, não soffrerá em nada com a demora. Os jornaes da provincia da cathedra do nosso só com o tamanho do lençol da Vera Cruz satisfariam ás exigencias d'original. Irá sem falta no domingo.

Em virtude de todas as tramas e patifarias empregadas pelos republicanceos, parece que os dissidentes republicanos pozeram, por um instante de parte as suas reclamações para irem ao congresso votar contra o infamissimo accordo barjonaceo-republicanceo.

Applaudimos.

Outra birra. O collega protesta que não houve contradicção nas suas palavras quando disse que expunha e não expunha as opiniões dos chefes no que estava escrevendo. Quando disse sim e não sobre o mesmo assumpto. E que tal? Paciencia; transcrevamos outra vez as palavras do *Damião de Goes*.

«O collega *Povo d'Aveiro* faz mal em suppor e afirmar, que o que nós dissemos é o que dizem ou pensam os chefes republicanos.» E n'outra parte: «Note desde já o collega que nós estamos apresentando, não as nossas proprias opiniões, mas a d'aquelles que pensam ser possivel dentro da monarchia, e dado o estado actual da nossa sociedade, criar-se um partido radical, a que sirva de reforço o republicano.»

E que tal? Não é insupportavel o *sujeito*, que nos accusa de lhe procurarmos contradicções á força? Mas o que eu queria dizer, exclama, é que não tinha procuração nem imposição dos chefes para os defender! Pois bem, já lhe acceitamos o facto. Já lhe fizemos a justiça de julgar isso mesmo. Que mais quer? Valha-o Santa Quiteria de Meca que nem por a ter ao pé da porta o tem illuminado mais! Além d'isso já lhe declaramos que não nos importa saber o que o collega quer dizer mas o que realmente diz. Não entrámos no espirito alheio. E se a sua vaidade não lhe permite que deixe de passar por atilado e sapiente, não somos nós que temos culpa de que lhe succeda o contrario.

Tambem protesta o *Damião de Goes* que não comparou um pae a um rei no respeito e na veneração. Proteste o que quizer, que quanto mais protestar mais fará rir os leitores. Porque se cem vezes protestar, cem vezes o havemos d'amarar ás suas proprias palavras. Ahí vão ellas:

«Lá o beijar a mão, o dobrar a espinha, etc., é aviltante ou não, conforme as cousas n'este mundo s'encaram. Se o rei, em vez do homem, representa no throno a suprema expressão da vontade nacional que teem de condemnavéis as manifestações de respeito? São ridiculas, são grotescas? Será ridiculo e grotesco beijar a mão a um pae? Dirão uns que sim, dirão outros que não — com eguaes razões, e a questão fica pendente, até que caia por si.»

Não comparou um rei a um pae no respeito e na veneração como sempre dissemos? Diz o collega que não comparou tal, porque aquillo não é comparar. Presumpção e agua benta cada um toma a que quer!

Mas bem. Não comparou, não é verdade? Então deixe, não se zangue, nem tenha medo dos leitores o apreciarem mal pelo que nós lhes dizemos. As suas palavras ahí estão textualmente. Elles apreciarão e julgarão.

Tinhamos nós dicto em seguida que era escusado responder de novo a meia duzia d'ideias falsas que já tinhamos destruido. Vocifera o *Damião de Goes* que isto foi força de rhetorica e que fallam assim todos os rabulas. Valha-te Deus Ignez... Nem repara que toda a nossa paciencia n'este massadrisimo debate, nós que somos tão pouco paciente, é a prova mais clara da franqueza do adversario.

Pois quaes eram as ideias falsas do *Damião de Goes*? Eram estas: — «se o rei mandava e governava no tempo em que tal se affirmou, (o *Damião* tinha-o affirmado ha um mez!), não é isso razão para se dizer que tambem hoje manda e governa. (Vide transcripções do *Damião*!) Porque o rei entre nós faz governo pessoal segue-se logicamente que a nação não possa impôr-lhe ministros por quem elle tenha aversão? Segue-se ainda que não seja possivel ao partido republicano impôr-lhe algumas reformas do seu credo?»

E eis as grandes ideias que nos converteram em rhetorico e rabula! Não offende; dá vontade de rir. Pois não era sobre isso que se tinha travado a questão? Não tinhamos nós respondido cem vezes a esses disparates? Nós tinhamos dicto, e esse era, desde o principio, o ponto forte da nossa argumentação, que admittindo que taes ideias não fos-

sem falsas isso não provava senão a falta de coherencia e de seriedade dos chefes republicanos, que levaram toda a vida a dizer o contrario do que agora defendiam? Não demonstramos de sobejo que o proprio *Damião de Goes* estava a cada passo em contradicção consigo proprio? Mas acabou-se; somos rabula e rhetorico porque entendemos que o *Povo de Aveiro* não fôra feito para tratar exclusivamente do sr. *Damião de Goes* e de todas as suas impertinencias e que para o bom espirito dos leitores não era preciso repetir-lhe as cousas a toda a hora, como para a má memoria do articulista d'Alemquer. E é d'isto que se vê!...

Emfim, o *Damião de Goes* volta a tratar das nossas censuras aos chefes do partido, e pergunta-nos se julgamos que é chamando insignificantes e traidores aos srs. Jacintho Nunes e José Elias que os havemos d'annullar. Não, damiãozinho, não julgamos isso. Primeiramente, porque nunca olhamos ao effeito espectacular d'aquillo que escrevemos. Se fosse a vaidade que nos arrastasse, o damiãozinho percebe que não seria este o caminho para a satisfazer. Primeiramente isso. Depois, claro é que ninguem annulla o sr. Jacintho Nunes chamando-lhe traidor, nem o sr. Magalhães Lima chamando-lhe insignificante. E' provando que o são. Percebe? E' provando que o são! E n'isso, valha a verdade, pelo que toca ao sr. Jacintho Nunes, ao sr. José Elias e ao sr. Theophilo Braga ninguem nos tem auxiliado melhor que o collega com as suas heresias. Percebeu?

Não annullamos os homens, não é assim? Paciencia! Mas então para que não cessam ha tres annos de gritar contra nós por todas as formas e feitios? Que diabo! E' exquisito. Não os annullamos? Bom, melhor para vossorias, seus defensores e seus amigos. Quanto mais gritarmos contra elles, e contra elles só é que gritamos, mais odioso acaretamos sobre nós. Se somos um discolo insignificante, que vos importam os ataques aos chefes do partido? Desacreditam a causa? Não desacreditam tal, antes a fortificam e consolidam, porque sendo infundadas as nossas censuras não vão senão provar e demonstrar o valor dos chefes do partido. Vê, e se dissermos ao collega que cahiu n'outra contradicção, ahí desata elle n'um ataque de nervos diabolico!

«Uma cousa é dizer a verdade, outra cousa é sabel-a dizer. No seio d'um partido, como n'um conselho de generaes em tempo de guerra, a verdade deve expor-se sem rodeios, francamente, mas sem que transpire para o campo do inimigo. E' um principio de boa tactica...» Então com que é um principio de boa tactica? Bem se vê que o collega sabe tanto de tactica como sabe do resto. Porque se soubesse, *saberia*, para não irmos mais longe, que depois da guerra franco-prussiana não houve official francez que não cobrisse de censuras a conducta dos generaes. Porque se soubesse, *saberia* que nas dezenas de livros publicados sobre essa campanha desgraçada nem um só escriptor francez deixou de criticar vivamente as aptidões e a sciencia dos chefes militares. E para quê? Para que a nação nunca mais entregasse a sua sorte ás mãos d'aquelles homens.

Exactamente, admittida a comparação que o collega propõe, o que nós fizemos com os chefes. Antes de mais d'uma batalha lhe dissemos em particular que a comprometteriam pela direcção errada que lhe davam. Não nos quizeram ouvir, chamaram-nos doido, chamaram-nos vendido? Pois bem, cá estamos, tal qual os escriptores francezes, proclamando que todas as victorias serão perdidas com tal gente. O general Leboenf e outros muitos nunca mais terão nas suas mãos os destinos do exercito n'outra

guerra com a Alemanha? Assim nós quereríamos que o general Garcia nunca mais nos commandasse nas guerras monarchico-republicanas. A carneirada não consente? Pois a carneirada que se avenge. Ao menos o nosso dever fica cumprido.

Por ultimo, e quanto ao congresso, sempre lhe diremos que não é maneira séria d'encerrar essa questão. Vae pouca gente ao congresso publico? Quem lh'o disse? Que lh'importa? E' argumento attendivel? Cumpra o partido republicano o dever que lhe impõem os seus principios e que deixe lá o resto. Tem medo das auctoridades? Essa é boa! Então as auctoridades não assistem aos comicios? Porque não condemna os comicios? Quer ao lado do presidente do congresso o commissario de policia para prender todo aquelle que preferir as questões de pessoas ás questões de principios? Pois porque não? Não é o que succede em todos os paizes e para todas as reuniões publicas? A policia franceza não prenda os oradores que insultam o presidente da Republica?

Decididamente o *Damião de Goes* é impagavel e é unico. Tem esse merecimento e por elle lhe perdoámos todas as massadas que nos dá.

Temos em nosso poder varias publicações sobre que não nos tem sido possivel escrever. Fallo-hemos brevemente.

CARTA DE LISBOA

Não recebemos carta do nosso correspondente da capital.

CARTA DA BAIRRADA

Dezembro, 16.

Realizou-se esta semana mais uma jornada triste ao cemiterio do Crasto de Anadia. Alli ficou depositado, no jazigo de familia, o sr. marquez da Graciosa, que falleceu no dia 11 do corrente, victima de uma congestão pulmonar junta aos graves soffrimentos cardiacos de que ha tempos se queixava. Falleceu aos 79 annos de idade, e enterrou-se quando fazia justamente um mez que sua esposa se desprendera da vida. Duas mortes sentidissimas em toda a Bairrada, onde a familia da Graciosa teve sempre a consideração e a estima publica de que se tornava digna pelo proceder correcto e insinuante de todos os membros que constituíam essa familia. Hoje desapareceram da scena da vida os seus dois estremecidos chefes, e pôde dizer-se que não são só os parentes que sentem uma grande dor. A Bairrada lamenta tambem com justa razão a perda dos bons amigos que a morte ceifou, ao decahir d'este anno sinistro, que tanto tem flagellado algumas familias d'esta localidade. A Bairrada lamenta a falta d'esse cavalheiroso typo do fidalgo popular, que povoava de affectuosos confortos o coração de todos que se abeirrassem da casa da Graciosa, d'esse vulto sympathico de homem honrado e prestadio que tão bem acolhia o poderoso e o rico, como o mais humilde aldeão, e que tanto apertava a mão de amigo ao mais considerado dos seus pares, como ao mais obscuro dos seus conferraneos.

O enterro do marquez da Graciosa, feito sem pompa, significando bem que o illustre titular fôra sempre inimigo de grandezas, teve a verdadeira imponencia d'um acto solemne pela manifestação espontanea de todos os seus amigos que acompanharam, cheios de pezar, muitos d'elles banhados em lagrimas, até á derradeira mo-

rada o corpo d'aquelle que em vida déra á Bairrada todo o brilho dos seus dotes de coração e todo o prestigio dos seus sentimentos altruistas e democraticos. E nós, que fizemos parte da triste jornada, que fomos onde nos chamava o dever, isto é depôr junto do tumulo do nosso velho amigo a nossa viva saude em redor da nossa grande divida de gratidão, e que, acerecados do povo, não hesitamos em dizer-lhe que imitasse as virtudes do fidalgo extinto, nós teremos sempre pela memoria do marquez da Graciosa o respeito que nos merece todo o homem digno e honrado, quer tenhamos de o apontar nas cumiadas da grandeza, quer o acovellemos, humilde, nas pugnas do trabalho e nas luctas pela existencia.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 98.

EXPEDIENTE

Esta semana enviamos recibos para as seguintes localidades:

Oliveira do Bairro, Ovar e Pampilhosa.

Esperamos que os cavalheiros a quem elles dizem respeito os satisfaçam, logo que lhes sejam apresentados pelos respectivos empregados do correio.

Por não nos ser possivel fazer toda a cobrança de assignaturas pelo correio, rogamos aos srs. assignantes das localidades abaixo mencionadas o obsequio de solverem os seus debitos á administração d'este jornal por o meio que lhes convenha melhor. E' finiza que esperamos de todos.

Aos cavalheiros que com tanta pontualidade têm satisfeito os seus recibos, o nosso reconhecimento.

As localidades a que acima nos referimos são:

Alquerubim, Arada, Arruda das Vinhas, Costa de Vallade, Eixo, Esgueira, S. Bernardo e Silveiro.

Os dez exemplares que o sr. Antonio Ignacio da Fonseca nos enviou, e que habilitam para o brinde de 2:000\$000 réis da loteria do Natal, distribuimol-os pelos seguintes necessitados:

N.º 1:541—João Cordeiro.
N.º 1:542—Carlos Massarico.
N.º 1:543—Antonio Colarone Rodrigues dos Santos.
N.º 1:544—Domingos Correia.
N.º 1:545—Maria Luiza de Jesus.
N.º 1:546—Emilia de Jesus Sapata.
N.º 1:547—Clara Simões Amaro.
N.º 1:548—Ignacia Placido.
N.º 1:549—Joaquim Pereira dos Santos.
N.º 1:550—Anna de Jesus Massarico.

Em nome dos pobresinhos enviamos o nosso agradecimento ao acreditado cambista, e oxalá que a sorte bafeje algum d'elles.

A ultima ordem do exercito colloca em cavallaria 10 o sr. capitão Mascarenhas Valdez, que ha pouco havia sido transferido d'este regimento para cavallaria 4, em Belem.

O sr. capitão Valdez é muito estimado em Aveiro, onde goza de geraes sympathias.

Temos presente o numero 17 da interessante publicação trimestral *A Moda*, que os srs. Costa Braga & Filhos, acreditados industrias do Porto, distribuem gratuitamente por todos os seus consumidores-revendedores da Real e Imperial Chapelaria a Vapor. Traz magnificos figurinos em

phototypia e vem excellentemente collaborada.

O estabelecimento dos srs. Costa Braga & Filhos honra a industria nacional e os seus progressos são cada vez maiores, pois augmentam de dia para dia.

Victima de uma pneumonia dupla, falleceu na segunda-feira ao fim da tarde o sr. José Vieira da Costa, mestre das obras d'esta circumscripção hydraulica. Contava 42 annos de idade.

O finado era um artista laborioso, um bom chefe de familia, sendo por isso a sua morte muito sentida n'esta cidade. Deixou viuva e quatro filhos orphãos.

O cadaver foi conduzido ao cemiterio na carreta dos bombeiros voluntarios, a cuja corporação o honrado artista pertencia e onde tinha o posto de 2.º patrão.

A toda a sua familia o nosso sentimento.

MISSA DO SETIMO DIA E CONVITE

Os abaixo assignados, esposa, filhos, sogra, cunhados e irmãos do finado sr. José Vieira da Costa, rogam ás pessoas das suas relações o favor de assistirem á missa do setimo dia, que por alma do fallecido tem de rezar-se na segunda-feira proxima, pelas 6 horas da manhã, na igreja da Apresentação.

Aveiro, 17 de dezembro de 1887.

Ludovina Maria Gamellas e Costa
Maria da Annuniação Gamellas e Costa

Elvira da Apresentação Gamellas e Costa

Maria das Dores Gamellas e Costa
Francisco Vieira da Costa

Joanna Maria do Rosario Gamellas
Maria Ludovina Gamellas

Rosa Carolina Gamellas
Antonio José Vinagre

Manuel Justino (ausente)
João Evangelista de Pinho (ausente)

Francisco da Costa
Filippe da Costa (ausente)

João Maria da Costa (ausente).

† Parece que vamos ter um espectáculo por amadores no theatro Aveirense.

Segundo nos informam, um grupo de rapazes d'esta cidade prepara-se para levar á scena o drama em 5 actos *Os trapeiros de Lisboa*, do fallecido escriptor Leite Bastos, devendo os ensaios principiar pos estes dias.

N'estas enfadonhas noutes de inverno, é realmente agradável uma diversão d'esta natureza, principalmente n'uma terra como Aveiro, onde escasseiam os divertimentos.

E' de crer, por isso, que o publico não falte a animar com a sua presença os generosos rapazes na noute do espectáculo.

Deu ha dias á costa em Peniche o cadaver de um homem. O mar, porém, arrojou-o para um rochedo de tão difficil accesso, n'aquella península, que só com algum risco pôde d'alli ser retirado.

Suppõe-se que o cadaver seja de algum dos infelizes naufragos do hiato *Dias Ferreira*, que no mez findo deu á costa á entrada da barra de S. Martinho do Porto, e cuja tripulação, como se sabe, era toda de Ilhavó.

Escreve o correspondente de Lisboa para a *Soberania do Povo*, de Agueda, a respeito dos soffrimentos do sr. D. Luiz, de que os jornaes se têm occupado n'estes ultimos dias:

«E' certo que el-rei soffre do figado ha annos e agora teve que alterar os seus habitos, tendo as refeições a horas mais regulares. Mas não ha que receiar um estado difficil.

Isto é o que consta de via segura. Mas não devo esconder que

se espalha que el-rei soffre de uma terrivel molestia—dois cancos—um debaixo do brago e outro na lingua. Falla-se até que os medicos Ravara e Senza Martins e outros asseguram que o mal é sem cura. Creio que nada ha de verdade a este respeito.»

O destacamento de cavallaria 10 que se achava em Vizeu, sob o commando do sr. capitão Lobo, recolheu na quinta-feira a esta cidade.

Deve apparecer por estes dias em Lisboa um jornal de grande formato, independente de todos os partidos, intitulado *O Reporter*. Terá por redactor em chefe o sr. Manuel Pinheiro Chagas.

Para celebrar o jubileu de Leão XIII tem-lhe sido offerecidos não só os mais ricos e sumptuosos presentes, mas os vinhos mais finos e preciosos. Segundo diz um collega, em poucos dias acabam de chegar a Roma 50:000 garrafas de Champagne.
Feliz Leão!...

Diz o *Trasmontano*, de Villa Real:

«Continua a ser cada vez maior a corrente da emigração para o imperio do Brazil, principalmente das nossas povoações ruraes, onde a decadencia e o abandono da agricultura está produzindo uma grande e devastadora miseria.»

Do gerente da livraria Cruz Coutinho recebemos a segunda parte do catalogo da importante livraria classica do fallecido A. R. da Cruz Coutinho, que principiou a ser vendida em leilão judicial no dia 15 do corrente.

Esta segunda parte tem 740 numeros com 6:000 volumes e opusculos, sendo abundante em livros classicos e raros, alguns de grande valor.

O catalogo é enviado gratuitamente a quem o requisitar á livraria Cruz Coutinho, como se pôde ver pelo anuncio que vae em outro lugar.

Constituiu-se na Guarda uma commissão composta dos srs. dr. Sobral, Alexandre da Conceição, capitão Franco e Antonio Ferreira dos Santos com o fim d'alli organizar batalhões escolares, á maneira do que se faz em França e já em Lisboa e no Porto.

Em Lisboa falleceu ha dias o antigo mestre dos estucadores da camara municipal, Pedro Mariano dos Santos, que tomara parte nas campanhas da liberdade.

Deixou testamento, no qual pedia para ser enterrado civilmente, fazendo as seguintes curiosas declarações:

1.ª Que seu pae falleceu em 1833, victima do cholera, e foi conduzido ao cemiterio de Palmella, n'um carro de bois, acompanhado só pelo carreiro;

2.ª Que seu irmão falleceu em 1833, na cadeia de Abrantes, onde se achavam ambos presos por politica, e foi conduzido n'uma maca immunda a um olival onde foi sepultado; este não teve sequer as honras de cemiterio, e nenhum teve encomendações nem agua benta.

A camara municipal de Chaves abriu concurso para o provimento das escolas elementares do sexo masculino nas freguezias de S. Pedro de Agostem, Calvão, Soutellinho da Raia, Cima de Villa, S. Vicente e Lamadarcos, e elemental mixta na freguezia de Bustello; ordenado de cada uma 100\$000 réis.

A camara de Castello Branco tambem abriu concurso para o provimento da escola elemental do sexo masculino na freguezia do Salgueiro; ordenado 100\$000 réis.

Perante a camara municipal de Portalegre estão egualmente abertos concursos para o provimento da escola elemental do sexo masculino na freguezia das Carreiras e elemental mixta na freguezia da Urna; ordenado de cada uma 100\$000 réis.

Um russo, apaixonado pela estatistica, fez ultimamente um calculo muitissimo aproximado da distancia que percorre n'um anno a mão d'um typographo.

Toma por base que um bom typographo, trabalhando 10 horas por dia, levanta 12:000 letras. Calculando que trabalha 300 dias por anno, no fim d'esse tempo tem levantado 3.600:000 letras; se a distancia entre a caixa e o compenedor fôr de dois pés, a mão do typographo percorre n'um anno 7.200:000 pés, isto é, 300 milhas geographicas, ou uma milha geographica por dia.

Foi auctorisada em todos os corpos de infantaria a installação de uma sala d'armas e de uma carreira de tiro para revolver.

Na freguezia de Povos, do concelho de Villa Franca de Xira, morreram ha dias envenenadas duas creanças, uma de 6 annos de idade e outra de 14.

Tendo ido ao matto e encontrando alguns cogumellos, apanharam-n'os, levaram-n'os para casa e depois de assados comeram-n'os muito satisfeitos. Os cogumellos, porém, eram dos venenosos e as duas infelizes creanças pouco depois de os terem ingerido principiarão a soffrer as mais horribes agonias, e dois dias depois eram victimas da sua imprevidencia.

VENDA DE TERRENO

VENDE-SE a parte do terreno expropriado que pertenceu ao Hotel Cysne do Vouga, na rua da Alfandega.

Quem o pretender pôde dirigir-se a esta redacção, onde se darão esclarecimentos.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, tres bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco-Filhos, por se acharem legalmente auctorisados.

ESPECTACULOS

Muzen Industrial e Commercial do Porto

Está aberto todos os dias, excepto ás segundas-feiras, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde; aos domingos abre ás 11 horas da manhã.

A entrada é gratuita, subindo-se pela escadaria do Muzen, na rua do Palacio de Crystal.

BIBLIOGRAPHIA

O *Mundo Elegante*.—Publicou-se o n.º 49 d'este magnifico jornal de modas, elegancia e bom tom, dedicado ás senhoras portuguezas e brazileiras.

As *doidas em Pariz*.—Da empresa editora Belem & C.ª recebemos a caderneta n.º 5 da segunda edição das *Doidas em Pariz*, um dos romances mais notaveis e mais lisongeiros apreciados de Xavier de Montepin.

Veja-se o annuncio.

A Martyr. — Recebemos o fascículo 49 d'este interessante romance de Emile Richebourg, traduzido pelo sr. Julio de Magalhães e editado pela empresa dos Serões Românticos.
Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

A Illustração Portuguesa. — Recebemos o n.º 21 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.
Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

ANNUNCIOS

Venda de casa

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construída de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem sahida para a rua do Roxo.

Quem a pretender falle na mesma com o dono **Francisco Augusto Duarte.**

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitais. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

TORNO DE RODA DE BALANÇO

VENDE-SE um com cabeçotes de ferro, que pôde torner com 44 centímetros de diametro madeira, ferro e pedra. Acha-se em muito bom estado.
N'esta redacção se diz.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, faz em-se guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas. Trabalhos perfeitos e preços barattissimos.

DEPOSITO AMERICANO

Apparelhos, Utencilios e Implementos Domesticos, Agricolas e Industriaes.

Agencia e Casa Introdutora de Artigos espeziaes de Norte-America.

RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 127, PORTO.

REZ-DO-CHÃO.

BOMBAS
HYDRAULICAS
DE POÇO, CYSTERNA &c.

ARAME
"CERCA-ESPINHO"
Para vedar gado, &c.

GRANDE DEPOSITO DE
TUBOS DE FERRO
zincados e pretos para
CANALIZAÇÕES.

Tubos de Borracha
(CAUCHOC).



FOGÕES
CULINARIOS.

ESTUFAS DE SALA.

LOUÇAS DE FERRO

"AGATE"

Para serviços da cozinha e meza, &c.

ARADOS.

Debulhadoras de Milho.

PRENÇAS

Para Fructas e Drogas.

E OUTROS
ESPECIALIDADES, &c.

MOTORES A VENTO

(ou Moínhos de Vento)—TUBBINA DE FERRO—systema o mais economico possivel para elevar agua a qualquer distancia.

MACHINAS E ARTIFICIOS DIVERSOS POR ENCOMMENDA.

Accita-se ORDENS para os Estados Unidos da America, e para Inglaterra

ESCRITORIO, 2.º andar, HERBERT CASSELS, Agente,
127, MOUSINHO DA SILVEIRA, PORTO.

(Telefone N.º 250.)



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescencia de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente "lunch" para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao "toast", para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anémicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

ANGELO DA ROSA LIMA

COM

OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS

Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competitor n'esta cidade.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

—AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, e amas de ferro, fogões, chumbo em barra, prégio d'arame, etc.

PUBLICAÇÕES

ESTÁ EM DISURIBUIÇÃO
A 2.ª PARTE DO CATALOGO
DA

LIVRARIA CLASSICA

do fallecido A. R. da Cruz
Coutinho

que será vendida em leilão judicial nos dias 15 e seguintes do corrente mez de dezembro.

Remetto-se gratis e franca de porto a quem a reclamar á

Livraria Cruz Coutinho

18, Rua dos Caldeireiros, 20

PORTO

GUIA DE CONVERSAÇÃO

EM

PORTUGUEZ E ALLEMÃO

POR

D. M. RAMSEY JOHNSTON

1 vol. cart., 240 réis

PELO correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas á livraria CRUZ GOUTINHO, rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

EDITORES — BELEM & C.ª

26, Rua do Marechal Saldanha (Cruz de Pau), 26—Lisboa

AS

DOIDAS EM PARIZ

UM DOS MELHORES ROMANCES DE

XAVIER DE MONTÉPIN

VERSÃO DE

JULIO DE MAGALHÃES

4 folhas de 8 paginas e uma estampa por semana, 50 réis

ESTE notavel romance de Xavier de Montépin não é uma simples obra de phantasia; o seu entredo é formado por factos, que a cada passo se estão dando na vida pratica, e denuncia muitos crimes que ficam impunes na maioria dos casos, e que são commettidos á sombra de certos privilegios conferidos pela posição social. Apontar com exemplos fisantes á vigilancia e vindicta da lei alguns abusos, que aliás são frequentes nas diferentes posições sociaes, desvendando os mysteriosos horrores da corrupção, e procurando excitar a attenção d'aquelles que possam por qualquer forma concorrer para que fique frustrado o intuito de tão torpes como interesseiras machinações, tal foi o fim do auctor.

E' pois este um verdadeiro livro de combate, ao mesmo tempo que constitue uma leitura muito agradável pela animação dos dialogos, pela exactidão das descrições e pelo interesse sempre crescente das suas peripécias.

Tendo-se esgotado a primeira edição d'este romance, a empresa, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

Brinde a todos os assignantes no fim da obra

Um album de Minho

Contendo as principaes vistas de Vianna do Castelo, Braga, Guimarães, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Villa do Conde, Caldas de Vizella, Barcellos e Povoia de Varzim.

A empresa pede aos seus estimaveis assignantes toda a sua attenção para este valioso brinde, e promette continuar a offerecer-lhes em cada obra outros albums, proporcionando-lhes assim uma collecção equal e escrupulosamente disposta das vistas mais notaveis de Portugal. Os albums de Lisboa, Porto, Cintra e Belem estão publicados.

GUIA DO

NATURALISTA

COLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A' livraria—CRUZ GOUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

DINHEIRO PARA TODOS!!!

Mais de tres mil contos em premios á disposição dos freguezes de **ANTONIO IGNACIO DA FONSECA,** rua do Arsenal, 56 a 64 — Lisboa

O CAMEISTA Antonio Ignacio da Fonseca convida para a grande loteria de Madrid de 23 de dezembro de 1887. Tem variadissimo sortimento de bilhetes, decimos, centenas, meias centenas e dezenas.

PREÇOS — Bilhetes 105.000; meios bilhetes 52.500; decimos 10.500; cauteias de 4.800, 3.000, 2.400, 1.200, 600, 480, 240, 120 e 60 réis; centenas de 480.000, 240.000, 120.000, 60.000, 48.000, 24.000 e 6.000 réis; meias centenas de 240.000, 120.000, 60.000, 48.000, 24.000, 12.000 e 3.000 réis; dezenas de 48.000, 30.000, 24.000, 12.000, 6.000, 4.800, 2.400, 1.200 e 600 réis.

(As centenas e dezenas têm premios certos.)

O cambista Antonio Ignacio da Fonseca satisfaz todos os pedidos na volta do correio, quer seja para jogo particular ou para negocio, vindo os pedidos acompanhados das importancias.

As remessas são feitas pelo seguro do correio. Envia listas e planos.

Plano da loteria de 23 de dezembro de 1887

1 de 450.000.000	4 de 14.400.000	2 ap. 9.000.000
1 de 360.000.000	6 de 9.000.000	2 ap. 5.400.000
1 de 180.000.000	10 de 7.200.000	2 ap. 3.600.000
1 de 135.000.000	20 de 3.600.000	2 ap. 2.520.000
1 de 90.000.000	2.088 de 435.000	2 ap. 1.800.000
2 de 45.000.000	4.999 de 87.000	
3 de 22.500.000	495 ap. 435.000	7.642 premios.

BRINDE de 2.000.000 nominaes de inscripções ou 250 libras em ouro, com a loteria de 23 de dezembro de 1887!!!

Antonio Ignacio da Fonseca offerece a todos os seus freguezes, que se habilitarem no seu estabelecimento da rua do Arsenal, 56 a 64, Lisboa, senhas para o brinde de 2.000.000 nominaes de inscripções ou 250 libras em ouro á escolha do feliz.

Os compradores de um bilhete têm dez senhas, meio bilhete cinco, quinto de bilhete duas, e decimos uma. De fracciones, centenas, meias centenas, dezenas e cauteias, por cada compra de 600 réis uma senha. O numero feliz é equal ao que tiver as 2.500.000 posetas.

Aos compradores das provincias são enviadas as senhas para o BRINDE com a remessa das cauteias, bilhetes ou decimos. Os numerosos freguezes do cambista Antonio Ignacio da Fonseca têm grande sortimento de cauteias e bilhetes para se habilitarem, o palpito que não falha, é o BRINDE de 2.000.000 réis de inscripções ou 250 libras em ouro!

E' não perderem tempo em se habilitarem para a GRANDE LOTERIA DO NATAL na casa de

Antonio Ignacio da Fonseca

LISBOA